

FLIPPED CLASSROOM: UMA NOVA MANEIRA DE APRENDER E ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

Lilia Costa Gonçalvesⁱ

Mariana Portela Valente de Souzaⁱⁱ

32

RESUMO

As mudanças na sociedade têm levado professores e pesquisadores a repensarem o formato da sala de aula tradicional a fim de envolver os discentes a participarem ativamente do processo educacional. As metodologias ativas surgem como uma possibilidade de criar espaços de aprendizagem ativos para oportunizar formas de aprendizagem significativas para os alunos. A partir desta compreensão, o objetivo do presente trabalho é tratar acerca do uso das metodologias ativas, especificamente a Sala de Aula Invertida (*Flipped Classroom*), para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Pretende-se mostrar que através de uma metodologia mais ativa é possível preencher prováveis lacunas deixadas pelo tradicionalismo, minimizar a dependência do aluno sob o professor, ampliar as interações aluno-professor e aluno-aluno e otimizar o tempo, obtendo, conseqüentemente, um melhor desempenho.

Palavras-chave: Sala de Aula Invertida, Língua Portuguesa, Ensino Médio.

FLIPPED CLASSROOM: A NEW WAY TO LEARN AND TEACH LANGUAGE IN HIGH SCHOOL

Abstract

The changes in Society have been taking teachers and researchers to rethink about the traditional classroom format to involve students to participate actively in their educational process. The active methodologies came as a possibility of

creating new active learning spaces, making opportunities of significant ways of learning for students. From this understanding, the aim of the present work is to talk about the use of active methodologies, mainly the Flipped Classroom, to the teaching of Language in High School. It is intended to show that, through a more active methodology, it is possible to fill in the probable gaps left by tradicionalism, minimize the students' dependence on the teacher, maximize the teacher-student and student-student interactions, and optimize the time, getting, consequently, a better performance.

Key-words: Flipped classroom, Language, High School

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre aprendizagem centrada no aluno a fim de que ele assuma uma postura ativa no processo educacional desenvolvendo autonomia e criticidade. A percepção de que o ambiente educacional precisa ser modificado tem feito com que muitos docentes procurem por diferentes métodos para alcançar melhores resultados de aprendizagem. Novas metodologias de ensino propõem um novo modelo de sala de aula, um ensino mais dinâmico que proporcione ao aluno um maior protagonismo na construção do conhecimento e no desenvolvimento intelectual.

O relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, para a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), ressalta os quatro pilares da educação, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, denota a necessidade de buscar inovações para a atual prática pedagógica a fim de ajudar o docente no processo de ensino-aprendizagem e o discente, no desenvolvimento de sua autonomia acadêmica. Frente a isso, torna-se importante discutir como a utilização de uma metodologia ativa pode preencher prováveis lacunas deixadas pelo tradicionalismo, minimizar a dependência do aluno sob o professor, ampliar as interações aluno-professor e aluno-aluno e otimizar o tempo, obtendo, conseqüentemente, um melhor desempenho.

As metodologias ativas são ferramentas que auxiliam no processo de ensino/aprendizagem. São aquelas que levam o estudante a reflexões mais profundas, onde o mesmo pode se envolver de maneira mais complexa, guiando seu próprio caminho, adquirindo autonomia. Ou seja, o centro deixa de ser o professor e configura-se no aluno. A ideia de uma aprendizagem focada no aluno surgiu com teóricos como Dewey (1950), Rogers (1973) e Freire (1996). A partir disto observou-se a necessidade de envolver, motivar e dialogar cada vez mais com o aluno.

A proposta das metodologias ativas é problematizar situações que são e/ou serão vivenciadas pelos alunos. É importante ressaltar que sua essência está no aluno como indivíduo e no aluno como parte integrante de um grupo, ou seja, neste modelo de ensino tem-se o foco individual e coletivo da aprendizagem, pois o aluno pode aprender sozinho ou em grupo. Portanto tem-se uma combinação entre “colaboração (aprender juntos) e personalização (incentivar e gerenciar os percursos individuais)” (MORÁN, 2015, p. 13).

De acordo com Berbel (2011), as metodologias ativas possuem a capacidade de desenvolver a curiosidade do aluno e permitir que o mesmo leve para a aula contribuições que, talvez, não tenham sido levadas em consideração pelo professor. Nesta perspectiva, Bastos (2006) conceitua metodologias ativas como “processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema” (BASTOS 2006 apud BERBEL 2011, p. 5).

Em suma, entende-se metodologias ativas como estratégias que visam ao desenvolvimento do processo de aprender, partindo de situações verídicas ou criadas, ou seja, problematizações, através das quais o discente poderá encontrar soluções, visto que o mesmo irá examinar, refletir e relacionar os problemas frente aos mais variados contextos sociais, culturais, econômicos, etc. As metodologias ativas configuram-se de várias formas, de maneira a atender às necessidades individuais e/ou coletivas. Os modelos mais comuns são: a Aprendizagem por pares (*Peer Instruction*), Aprendizagem baseada em problemas/projetos (*Problem/Project based learning- PBL*), o Estudo de Caso

(*Study Case*), o Arco de Maguerez e a Sala de Aula Invertida (*Flipped Classroom*).

O presente artigo visa tratar acerca do uso de metodologias ativas, especificamente da Sala de Aula Invertida (*Flipped Classroom*), para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Além disso, propõe-se apresentar as contribuições advindas dessa metodologia específica, seus desafios e a possibilidade de aplicação.

O ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio – a visão dos PCNs

É evidente que a Língua Portuguesa é, por muitos, considerada complexa e muito difícil. Diz-se ser complicado de aprendê-la. Tal concepção, ou melhor, caracterização da língua, faz com que seus processos de ensino/aprendizagem sejam repensados. Fazendo isto, é possível modificar as características “assustadoras” atribuídas ao Português ou, ao menos, tentar reverter este quadro. Em relação ao ensino oficial da língua:

Essa preocupação se manifesta por meio das propostas lançadas pelas secretarias estaduais e municipais de educação quando oferecem subsídios teóricos e sugestões para o encaminhamento da prática pedagógica, a fim de estimular a mudança de enfoque e de atitudes em relação à prática do ensino da língua materna, bem como a busca de uma metodologia mais eficaz para o ensino da língua [...] (BORGES, 2002, p. 9).

Logo, tem-se uma boa parte de docentes dispostos a reconsiderar suas práticas e desenvolver iniciativas que incentivem esta ideia.

Um dos grandes problemas do ensino da língua está no excesso de conteúdo teórico, o qual não faz aproximação com a realidade do aluno e deixa, portanto, uma lacuna nesse processo. Assim, é importante considerar o que Beltran diz sobre “a importância de reconhecer a linguagem do aluno no meio que vive, no seu mundo, aproveitar o que há de bom nessa linguagem” (BELTRAN, 1989 apud BORGES, 2002, p. 9). Ou seja, faz-se necessário valorizar a bagagem linguística e social que o aluno carrega.

De modo geral, ensinar Língua Portuguesa é fazer florescer no aluno uma competência linguística que preze, não exclusivamente pelo domínio da norma culta, mas também pela sabedoria em utilizar a língua em sua variedade, visando o contexto comunicativo. Em outras palavras, é primordial formar, a partir do ensino de língua, leitores competentes que possam produzir, ler e compreender textos de forma clara e concisa.

Em razão de uma série de alterações no que compreende os campos político, econômico, cultural e tecnológico, os currículos escolares vêm sofrendo algumas mudanças. Tais modificações possuem como proposta uma melhoria no ensino público e privado. Sendo assim, o Ministério da Educação (MEC) desenvolveu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Os PCNs são documentos que servem como referência para a educação. Neles os professores encontram orientações para a elaboração dos currículos escolares de maneira que a educação brasileira possua um caráter eficiente e bem estruturado. Seu principal objetivo é que os estudantes tenham uma educação básica de qualidade. O documento aborda todas as disciplinas concernentes a cada etapa do ensino. Aqui será tratado a respeito do PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio) com foco na Língua Portuguesa.

A propriedade fundamental do ensino de Língua Portuguesa na visão do PCNEM é: “compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade” (BRASIL, 2000, p. 14), ou seja, ensinar Língua Portuguesa remete a levar o aluno a refletir sobre o uso da língua no cotidiano. Partindo da ideia de que a linguagem é a habilidade de associar e compartilhar significados, o PCNEM vai dizer que toda ação desempenhada pela linguagem tem por objetivo a produção de sentido. Logo, pode-se supor que a língua é a responsável pela criação e desconstrução de significado.

Ao seguir uma linha de raciocínio pautada na linguagem, os PCNs aderem a proposta da Linguística Textual de que o texto é unidade elementar do ensino. Com isso, conveniu-se tratar o texto como elemento principal do ensino de língua. Na visão dos PCNs, texto é o “produto da atividade verbal oral ou escrita

que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja a sua extensão” (BRASIL, 1997 apud BASTOS, 2012, p. 3). Consoante a esta premissa, é importante entender o papel do texto no ensino de Língua Portuguesa naquilo pertencente aos PCNs.

Em relação ao ensino de língua materna, os PCNs discorrem, diversas vezes, sobre as definições de língua e linguagem. Além disso, as noções de texto, discurso e gênero são elementos que também são discutidos pelos PCNs. Esses elementos são fundamentais para os processos de ensino/aprendizagem do Português e é a partir de então que surgem os conceitos de gêneros textuais. Para Malfacini (2015) os gêneros textuais “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (MAFACINI, 2015, p. 10). Ou seja, sempre que se fala ou escreve alguma coisa, os gêneros textuais estão sendo produzidos.

Com o advento dos meios de comunicação e da tecnologia, surgiram diferentes recursos (jornais, revistas, sites, blogs, dentre outros) que se incorporaram ao ambiente da sala de aula e possibilitaram discentes e docentes a estarem mais “conectados” ao mundo. Dessa forma, observou-se a importância de trabalhar com as variedades linguísticas e textos dos mais variados gêneros e estilos. Diante disso, é crucial tratar sobre aquilo que os PCNs abordam em relação ao ensino de língua através do texto. Ademais, as competências que devem ser desenvolvidas no Ensino Médio, e que são discutidas pelos PCNs, coincidem com a visão da Linguística Textual de que o texto deve ser elencado como elemento prioritário no ensino de língua, sobretudo da Língua Portuguesa.

Em outro momento, o PCNEM discorre sobre a relação dos textos com seus contextos em conformidade com as condições de produção e recepção. Isto se dá no referente aos recursos expressivos da linguagem. Através do ensino de Língua Portuguesa, o aluno deve estar apto a “utilizar-se das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas” (BRASIL, 2000, p. 10). Ao desenvolver esta competência o aluno aprende a usar as linguagens para fins específicos, podendo utilizar-se dos recursos

expressivos com o intuito de comunicar-se com diferentes grupos e esferas sociais. Com isso, nota-se o papel social da linguagem.

Para que o aluno desenvolva tais habilidades e esteja capacitado a dar continuidade aos estudos de maneira mais profunda, faz-se necessário refletir sobre o ensino e as práticas pedagógicas a ele associadas. Sendo assim, vale tratar acerca de assuntos como, por exemplo, aprendizagens ativas e metodologias ativas, especificamente a *flipped classroom*, também conhecida como sala de aula invertida, uma metodologia ativa que propõe uma alteração na organização tradicional do processo de ensino-aprendizagem.

FLIPPED CLASSROOM: DESENVOLVENDO A AUTONOMIA DO ALUNO

A *Flipped Classroom*, ou Sala de Aula Invertida, trata-se de uma inversão (como o próprio nome sugere) do modelo tradicional de ensino, isto é, a ordem: o professor explica em sala e o aluno pratica em casa não é mais assim.

Segundo Valente (2014), a proposta da *Flipped Classroom* não é nova e foi inicialmente concebida como *inverted classroom* por Lage, Platt e Treglia (2000), na Miami University (Ohio, EUA) em 1996, para a disciplina de Microeconomia. Valente (2014) ainda esclarece que:

Embora os resultados dessa experiência tenham sido publicados em 2000, ela não foi disseminada, principalmente por conta do fato de a questão dos estilos de aprendizagem ser um tópico controverso e pela dificuldade em preparar o material para ser usado fora da aula, considerando o desenvolvimento tecnológico no final dos anos 1990. (VALENTE, 2014, p.87)

Em 2006, os professores norte-americanos Aaron Sams e Jonathan Bergmann, retomam a ideia de seus antecessores popularizando o termo *Flipped Classroom*. Segundo os professores, a utilização dessa estratégia nasceu no instante em que se percebeu a demasiada falta de interesse e frequência nas aulas, ministradas de maneira expositiva. Ao notar essa evasão dos alunos, os professores optaram por gravar suas aulas e disponibilizá-las em uma plataforma online. Com isso, observaram a possibilidade e a capacidade que os alunos tinham de aprender em casa e ir às aulas na intenção de fazer

exercícios, trabalhos e outras atividades. Dessa forma tanto os professores quanto os alunos poderiam otimizar melhor seus tempos.

De modo geral, o ponto de partida desta metodologia deu-se no fato de os autores estarem preocupados com o desempenho na aprendizagem dos alunos em razão de suas faltas. Por isso, decidiram por gravar suas aulas *online* de modo a impedir o baixo desempenho dos alunos. Como resultado disso, os alunos que faltavam por algum motivo, assistiam às aulas gravadas e aprendiam o que haviam perdido. Além disso, percebeu-se que os alunos que compareciam às aulas ao vivo, passaram a assistir aos vídeos para estudar, tirar dúvidas e muito mais.

A proposta da *Flipped Classroom* é fazer com que o aluno aprenda previamente, desenvolvendo sua autonomia e guiando seus estudos para que, em sala de aula, possa aplicar e/ou desenvolver o conhecimento adquirido em casa. O momento em que os conceitos, previamente estudados, são colocados em prática promove não somente a interação com colegas e professores, mas também o aperfeiçoamento dos conteúdos a serem exercitados. Neste modelo são trabalhadas atividades que despertem a curiosidade do discente, onde o professor sai da zona transmissora e entra na zona mediadora.

A metodologia ainda proporciona uma aprendizagem personalizada, ou seja, ajustada às necessidades individuais de cada aluno. A inversão como personalização é, segundo Bergmann e Sams (2018), “uma proposta de solução” (BERGMANN E SAMS, 2018, p. 06). Esse modelo veio para combater/solucionar os “problemas” do ensino tradicional, no qual “os alunos são educados em linha de montagem, para tornar eficiente a educação padronizada” (BERGMANN E SAMS, 2018, p.6). A personalização funciona como uma forma não convencional de chegar ao aluno individualmente, isto é, através da personalização pode-se alcançar as idiossincrasias de cada aluno.

O ponto-chave da abordagem da *Flipped Classroom* é o acesso prévio, antecipado, ao material – seja este impresso ou por meio de um recurso online – de sorte que discussões, trabalhos e outros exercícios, relacionados ao conteúdo, sejam executados entre professores e alunos. Embora esta seja uma metodologia que, em uma visão muito superficial, poderia ser facilmente

aplicada, existem questões a serem tratadas no que tange sua aplicabilidade e seus desafios. Sabendo disso, o desenvolvimento e utilização desta poderá ter melhores resultados.

Aplicando a *Flipped Classroom*

Adotar uma nova abordagem para o ensino não é tarefa fácil, principalmente quando esta vem para revolucionar e transformar o cenário educacional. Logo, é sabido que, embora adotar uma metodologia ativa seja, de todas, uma das tarefas menos difíceis, sua aplicação pode, talvez, ser uma das mais complexas.

Para que a *Flipped Classroom* tenha uma aplicabilidade bem-sucedida, o professor deve ter em mente o novo papel que irá assumir. Ele não pode, e nem é necessário, conjecturar hipóteses de que sua participação neste método é dispensável. O importante é que o professor saiba que, assim como os objetivos da sala de aula são invertidos, também são os do docente.

O novo papel a ser assumido pelo professor em sala de aula está centrado na mediação, orientação e tutoria. A transmissão de informações não ocupa mais o papel principal. Isso se dá em razão da preocupação que se tem com a autonomia do aluno durante seu processo de aprendizagem. Para que o aluno alcance essa característica autodidata, o professor deve colocar-se em segundo plano, de modo que todo o trabalho desenvolvido em casa e em sala, esteja focado no aluno.

Em relação a *Flipped Classroom*, o acesso prévio ao material é importante e, em alguns casos, facilitador. Apesar disso, o aluno pode, e deve, sempre recorrer ao professor em caso de dúvidas para que possa obter ajuda com os conceitos mal ou não compreendidos. Dessa forma, o professor interage muito mais com os alunos e possui maior flexibilidade e disponibilidade para ajuda-los.

Na concepção de um dos autores, Aaron Sams, em entrevista ao *Jornal O Globo*, é possível que o método seja aplicado em todas as fases do ensino – do jardim de infância à graduação –, em todas as disciplinas e em todo lugar. Essa ideia partiu de experiências vividas pelo autor nos Estados Unidos. Na entrevista,

Sams diz que: “Claro que há diferenças culturais, diferentes dinâmicas e expectativas dos alunos do que gostariam de fazer em aula e depois da aula. Mas os estudantes têm aptidão para a mudança, esse é o traço comum entre eles”¹ logo, nota-se que apesar das diferenças de contextos sociais, há um fator que une esses contextos e possibilita a aplicação do método.

No que concerne a aplicação da metodologia no Ensino Médio, é necessário que os docentes se empenhem na elaboração dos conteúdos que serão previamente acessados. Quanto aos discentes, os mesmos devem ter certa disciplina na hora de acessar o material disponibilizado, seja ele físico ou virtual. Essa disciplina é exigida em razão de o aluno ser e estar a todo tempo conectado e ainda pelo fato de que utilizar-se deste recurso tecnológico para aplicar o método é, sem dúvidas, recompensador, ainda que haja suas desvantagens.

Bergmann e Sams (2018), em seu livro *Sala de Aula Invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*, dizem que a aplicabilidade do modelo da *Flipped Classroom* é bem ampla. Inclusive, os autores citam alguns exemplos dentro das mais diversas áreas como Química (área de atuação dos autores), Educação Física e outras. Um dos exemplos dados é em uma aula de Educação Física. Imagine que o professor queira trabalhar a teoria e a prática de determinado esporte. Sabe-se que nesta disciplina a parte prática é fundamental e que o tempo destinado a esse tipo de atividade, em muitos lugares, é mínimo. Sendo assim, o que o professor pode fazer para otimizar seu tempo com os alunos?

Conforme exposto pelo livro, uma das soluções para esta questão do tempo é o uso da *Flipped Classroom*. Nesse contexto, o professor pode preparar vídeos e/ou outros materiais contendo a teoria, para que os alunos acessem previamente o conteúdo. Dessa forma, o tempo que o professor utilizaria para trabalhar toda a parte teórica, poderá ser remanejado para a aplicação dessa

¹SAMS, A. Os alunos têm aptidão para a mudança: depoimento. [8 de setembro, 2016]. Rio de Janeiro: Site do Jornal O Globo. Entrevista concedida a Tatiana Furtado. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/aaron-sams-professor-os-estudantes-tem-aptidao-para-mudanca-20072219>

teoria, ou seja, a prática. Esse acesso prévio, além de auxiliar no papel do professor, possibilita ao aluno desenvolver suas próprias habilidades e sua autonomia.

No que tange o ensino de Língua Portuguesa mais especificamente, a aplicabilidade funciona da mesma forma. Partindo da ideia de que, conforme já citado, ensinar Língua Portuguesa é ir além de fazer com que o aluno aprenda e domine a norma culta, é fazer florescer o senso crítico e saber utilizar a língua e suas variedades para fins comunicativos, educacionais ou outros, entende-se a importância de o aluno desenvolver sua autonomia e outras habilidades.

Levando em consideração o contexto em que os alunos vivem, isto é, suas realidades, nota-se um imediatismo muito forte. Cada vez mais os estudantes estão mais atarefados e em busca de soluções rápidas, inclusive no campo educacional. Em razão disso, professores e alunos procuram por formas mais ágeis e flexíveis para atender as demandas de seu cotidiano. Uma opção para otimizar o tempo desses professores e alunos está na *Flipped Classroom*. Mas por que seria esta a metodologia mais adequada? Não é que ela seja a mais adequada, acontece que esse modelo de ensino possa ser, talvez, o mais flexível. Tome por exemplo uma aula de Língua Portuguesa cujo objetivo do professor seja o ensino de Figuras de Linguagem. De que forma o professor pode abordar esse conteúdo? Há a possibilidade de utilizar uma metodologia ativa?

Uma maneira de ensinar os conceitos da sintaxe e as figuras de linguagem, usando a *Flipped Classroom*, poderia ser por meio de uma série de *podcasts*. O professor, em uma modalidade *blended*², tem a possibilidade de disponibilizar previamente para o aluno o aporte teórico para a aula, assim o estudante poderá estudá-lo e estar preparado para interagir nas atividades e exercícios a serem propostos em sala.

A ideia de uso dos *podcasts* sustenta a habilidade do modelo de ser flexível, ou seja, capaz de adequar-se à vida fugaz e imediata do aluno. O exemplo demonstra e reforça a capacidade do aluno de, enquanto caminha para a escola

² *Blended* – híbrido. Combinação de atividades online e presenciais.

ou faz outra atividade, ouvir a série de áudios sobre o conteúdo. A partir disso, o aluno se torna mais autônomo, administrando seu tempo e organizando sua rotina de estudos.

Outro aspecto importante no ensino de Língua Portuguesa com o uso da *Flipped Classroom* está na quebra do paradigma do professor como modelo de ensino. A metodologia tem a característica de ser colaborativa, ou seja, os alunos acessam o material antes da aula e interagem entre si, tirando dúvidas, fazendo apontamentos e levando questões para discussão.

O que fica mais evidente é a dinâmica diferenciada, porque muda o conceito de aprendizagem e ensino, uma vez que altera os papéis de alunos e professores, pois tanto aluno, quanto professor, precisam estar engajados e envolvidos no processo, de modo que haja, não uma transmissão, e sim um compartilhamento de ideias, informações, conceitos e vivências/experiências. Aluno e professor devem aprender juntos. Obviamente existem possibilidades e riscos que devem ser levados em consideração no momento de escolha da metodologia.

As contribuições da metodologia *Flipped Classroom*: possibilidades e riscos

A *Flipped Classroom* traz consigo alguns objetivos que são importantes para entender a proposta deste método. Dentre eles estão “o desenvolvimento de competências individuais, de colaboração e de autoestudo, a organização de autoaprendizagem, a investigação, o desenvolvimento do pensamento crítico e do aprender a aprender” (CCL PROJECT, 2013 apud SCHMITZ 2016, p.68). A partir desses objetivos, é possível traçar algumas das contribuições trazidas pelo modelo, dividindo-as em aspectos positivos e negativos.

No que concerne os aspectos positivos, pode-se considerar como fator de destaque o desenvolvimento da autonomia do estudante, uma vez que este é o formador do seu próprio conhecimento. A autonomia é tida como “a capacidade de governar-se pelos próprios meios”. Nesta perspectiva, a *Flipped Classroom*

auxilia o aluno, pois possui os recursos para desenvolver seus conhecimentos e é esse aluno quem os rege, quem os utiliza da maneira como achar necessário.

Visando a quebra do modelo tradicional de ensino, a metodologia contribui positivamente na relação aluno-professor e professor-aluno, e ainda aluno-aluno, pois ao passo que o professor sai da zona transmissora e entra na zona mediadora, ele está apto para ensinar e aprender, desenvolver habilidades que o aluno tenha dominado. A visão não é somente beneficiar o aluno dando-o um caráter mais ativo, mas também propiciar ao docente uma reflexão sobre sua prática.

Semelhante ao aspecto autônomo, há ainda a questão igualdade na sala de aula, ou seja, espera-se que todos estejam preparados para a discussão, onde os estudantes interagem entre si e com o professor auxiliando uns aos outros durante as atividades propostas, enriquecendo seus conhecimentos e desenvolvendo suas competências individuais, gerando criticidade e autonomia.

Além disso, Bergmann e Sams (2018) postulam em seu livro alguns dos benefícios da *Flipped Classroom*. O primeiro a ser tratado pelos autores é: “a inversão fala a língua dos estudantes de hoje”. Nesse ponto, explora-se a realidade do aluno contemporâneo, ou seja, aquele que está conectado. Não se quer trabalhar somente com tecnologia e sim com a inversão de modo geral, algo sem aquelas famosas regras do “desconectar” o aluno do mundo virtual e concentrá-lo na sala de aula. Esse conceito de usar a tecnologia em sala de aula, é algo a ser refletido e perpetuado. Porém, é necessário atentar ao fato de que utilizar-se da tecnologia como ferramenta pedagógica não é algo obrigatório e seu uso só deve ocorrer quando a mesma for adequada a sala e/ou turma na qual será inserida.

Outro aspecto positivo expõe a flexibilidade da metodologia da *Flipped Classroom*. Vive-se hoje um cenário em que cada vez mais estudantes estão muito atarefados, sobrecarregados. Os alunos que se encaixam nesse perfil têm a possibilidade de acelerar seu processo de aprendizagem de acordo com seu próprio ritmo. Um exemplo disso seria aquele aluno que não pode acessar o conteúdo durante o dia pois trabalha, mas ao chegar a casa pode fazer o acesso,

pois o mesmo encontra-se disponível para consulta. Assim, o aluno pode organizar seu tempo de estudo, tendo flexibilidade de horários.

Outro tipo de relação que é consolidada com o uso da *Flipped Classroom* é a interação aluno-aluno. Isso se dá em razão dos alunos estarem dispostos a se ajudarem mutuamente. Porém, vale ressaltar que isso é uma possibilidade e, portanto, pode não ser verídica em todas as situações. Depende de inúmeros fatores que estão relacionados a aspectos sociais.

Em relação aos riscos oferecidos pela metodologia pode-se destacar, principalmente, a questão da disciplina. Ter o conteúdo facilmente acessado é um recurso que muito ajuda no modelo de ensino em questão, porém saber administrá-lo talvez seja uma tarefa árdua. A disciplina e a disponibilidade são fatores muito importantes para o desempenho do discente, a falta de comprometimento com o seu processo de ensino/aprendizagem implica em complicações no desenvolvimento das competências até aqui citadas. É necessário que o estudante tenha consciência de que depende dele e somente dele o conhecimento que ele irá construir.

Outro fator comprometedor é a desmotivação dos professores posto que existe, por vezes, um sentimento de inferioridade. A consequência direta disso é o docente abrir mão de múltiplas possibilidades de desenvolver diferentes habilidades em conjunto. É interessante que o docente entenda o que é lecionar e que isso ultrapassa as quatro paredes de uma sala.

Outra questão muito importante é a dicotomia ensino público e ensino privado. Sabe-se que no Brasil a realidade educacional diverge entre o público e o privado e ainda, entre si. Ou seja, uma escola da rede pública pode trabalhar de forma diferente de outra escola da mesma rede. A mesma coisa pode ocorrer entre escolas da rede privada. O ponto central é: até que ponto estas divergências convergem para a utilização de uma metodologia ativa.

A estrutura de uma instituição pública é diferente da privada por diversas razões. Há casos em que não há como utilizar uma metodologia ativa pois a escola, seja ela pública ou privada, não dispõe de alguns elementos essenciais como: internet, equipamentos digitais, salas adequadas para aplicação de um método e outras peculiaridades. A preocupação concentra-se no fato de que

existe a necessidade de tentar unificar as redes de ensino a fim de proporcionar para os alunos da escola particular ou pública, uma educação diferenciada e inovadora.

Bergmann e Sams (2018, p. 18) apontam para as razões inadequadas para se inverter a sala de aula, sendo elas: porque lhe disseram para fazê-lo; porque assim estará criando uma sala de aula do século XXI; porque assim estará na fronteira avançada da tecnologia; porque imagina que a mudança facilitará o trabalho. Bem, embora tais razões pareçam ser adequadas, não são.

Essa questão do fazer porque determinada pessoa está fazendo mostra que o professor não tem autonomia sobre suas próprias decisões. Sendo assim, o mesmo não estaria apto a desenvolver esse tipo de autonomia em seus alunos. A fronteira com a tecnologia não é algo substancial, a tecnologia é recurso, ferramenta, não uma obrigatoriedade. Deve-se usá-la com sabedoria.

A mudança no modelo de ensino não facilita o trabalho, pelo contrário, o torna mais desafiador. Além dele precisar dedicar mais tempo ao preparo das aulas, o professor tem que entender que não adianta aplicar a metodologia com o intuito de trabalhar menos, é necessário saber aplicá-la. Muitas vezes o docente se perde devido a sua formação que não o preparou para lidar com essas situações, conforme atesta Nóvoa (1992, p.26) “a formação docente é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo; aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se (sic) uma profissão”. Isto, porém, é apenas uma das barreiras a serem vencidas para que a implantação da metodologia seja plenamente bem-sucedida.

O desafio de implementar

A *Flipped Classroom* detém de alguns desafios que norteiam sua prática e implantação. O primeiro deles está no papel que o professor irá desempenhar em sala, pois na medida em que o docente não entende sua importância e seu lugar no método, uma parte fundamental do processo é perdida. Isto ocorre em razão da visão tradicionalista que muitos docentes ainda carregam consigo e, por consequência, limitam suas possibilidades de atuação.

Outro fator predominante encontra-se no uso das tecnologias. É necessário que o docente entenda por que e como integrar tecnologias na sua prática pedagógica, transformando-as em recursos a favor da aprendizagem (VALENTE E ALMEIDA, 1997, p. 08). A *Flipped Classroom* trabalha com ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), e como toda tecnologia, esta também pode apresentar falhas de desempenho, desenvolvimento, dentre outras imperfeições técnicas. Para isto é importante que não apenas o professor, mas também a instituição, testem o recurso antes de disponibilizá-lo para acesso.

Outrossim, sabe-se que nem toda a população possui acesso à internet, ou seja, não são todos os alunos capazes de adentrar ao ambiente virtual para aprender. Isso tem como consequência a limitação do desenvolvimento de algumas habilidades e competências. Portanto, vale salientar que é imprescindível que a escola tenha à disposição do estudante um ambiente onde o mesmo poderá realizar suas tarefas caso não as possa fazer em casa.

Outro ponto chave reside na estrutura física da instituição de ensino. Diversas vezes nota-se a dificuldade que muitas escolas enfrentam em relação ao suporte técnico necessário as aulas. Por vezes, em se tratando de órgãos públicos, o governo não fornece verba para manutenção dos aparelhos de computação ou então não envia recursos de qualidade, ou ainda usados e em péssimo estado. Tudo isso corrobora para um atraso no processo de implementação da proposta de inversão.

Um ponto que talvez seja o motivo de muitas instituições não levarem a metodologia adiante é falta de responsabilidade e disciplina por parte do aluno. Quando o aluno não se dedica ao estudo prévio dos conteúdos, fica mais difícil a interação com os professores e colegas no momento da discussão e, em detrimento disso, os estudantes deixam-se contagiar por um sentimento, talvez, de culpa ou de indisciplina, o que gera desmotivação e falta de interesse.

Ao avistar esses desafios, cabe ao professor consciente a busca por meios de evitar que tais situações ocorram e de desenvolver características individuais e coletivas que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem, nas relações interacionais e no próprio autodesenvolvimento do aluno. Se não for possível evitar que essas situações sobrevenham, que o docente esteja apto a reverter o

possível quadro de desânimo e/ou desinteresse, pois nenhum aluno é igual, haverá aquele que irá se identificar com o novo modelo de ensino, mas também haverá aquele que preferirá o modelo tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propôs a desenvolver um estudo acerca do ensino de Língua Portuguesa, tendo como ponto central as metodologias ativas que podem ser utilizadas nas práticas pedagógicas. A base para tal estudo fundamentou-se na possibilidade de uma metodologia específica, a *Flipped Classroom*, ser aplicada a prática docente no Ensino Médio. Além disso, prezou-se a apresentação das contribuições advindas deste modelo de ensino, e também os desafios para implementar tal método. O desenvolvimento ocorreu, à primeira instância, através de uma breve abordagem sobre as atuais práticas docentes, comparando e confrontando-as com o tradicionalismo pedagógico o qual ainda é, por muitos, utilizado.

Em razão dessas mudanças, evidenciadas ao longo dos anos, constatou-se a necessidade de refletir acerca do processo de ensino/aprendizagem e como o uso de metodologias ativas pode beneficiá-lo. Isso se deu através do estudo de diversas teorias, como as de Vygotsky, Freire e outros autores, que pregam o desenvolvimento de uma prática docente mais mediadora. Além disso, a análise dos PCNs, mais especificamente o PCNEM, em muito contribuiu para o desenrolar deste trabalho. Com base nessas teorias, foram desenvolvidos alguns tópicos, os quais versaram quanto ao ensino da Língua Portuguesa e a metodologia da *Flipped Classroom*.

Inicialmente apresentou-se a visão dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) sobre o ensino de Língua Portuguesa. Neste tópico tratou-se acerca do papel da Língua Portuguesa no processo de ensino/aprendizagem e alterações ocorridas em detrimento de fatores sociais e culturais. Com isso, observou-se a necessidade de desenvolver a oralidade da língua, visto que a mesma era, e ainda é, utilizada para fins comunicativos, dando espaço, sobretudo, para o texto.

Os demais tópicos discorreram sobre a metodologia da *Flipped Classroom*. De início, tem-se a definição da metodologia e suas características. Em seguida, foram expostas e exploradas as contribuições, positivas e negativas, provenientes desta metodologia. Outro ponto chave foi a questão de como aplicar este método. Nesta parte notou-se que a *Flipped Classroom* pode ser aplicada em diferentes áreas de ensino, bem como em diferentes fases do mesmo. Também se percebeu a imprescindibilidade do papel do professor no processo de ensino/aprendizagem. Por fim, os desafios a serem enfrentados pelos docentes foram colocados em pauta e com eles constatou-se a atenção que professores e alunos devem ter em relação ao método. Não se pode enxergar os desafios como premissas para a desistência, persistir é o melhor caminho para o sucesso da implementação da metodologia.

Sendo assim, partindo dos estudos destes temas, pode-se concluir que, em face de uma era tecnologicamente facilitadora, envolver, motivar e dialogar com o aluno é uma tarefa cada vez mais essencial. Foi possível perceber também que esta tarefa depende tanto do aluno quanto do professor, pois todos precisam estar envolvidos e inseridos no método de ensino/aprendizagem para obtenção de melhores resultados, visto que, conforme pregado por Morán (2015), o aprender deve ser individual e coletivo. Além disso, notou-se o quão importante é saber utilizar-se dos recursos e benefícios disponibilizados pela metodologia a fim de produzir as competências e habilidades, sugeridas pelos PCNs, cabíveis ao aluno.

Desenvolver as habilidades e competências propostas pelos PCNs é ir muito além daquilo que se encontra em um livro didático, é auxiliar o aluno em seu próprio processo de aquisição do conhecimento, é inovar, refletir, conectar-se com um novo mundo, o qual possui inúmeras possibilidades de contribuição e desenvolvimento do intelecto humano. A proposta deste artigo foi, não somente elucidar os aspectos fundamentais de uma metodologia ativa, mas também refletir sobre o uso de um método que seja colaborativo e inerente as gerações futuras. Construir conhecimento não precisa, e nem deve mais, estar restrito a um livro ou a uma mera aula expositiva e sim ao debate de ideias, a proposição de argumentos e a defesa de convicções advindas do próprio aluno. Isto

beneficiará a todos, pois haverá alunos melhor preparados e capazes de enfrentar e superar futuros desafios, o que só será concretizado ao passo que ambos educador e educando compreenderem que evoluir faz parte do processo de ensino/aprendizagem do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Celso da Cunha. *Metodologias ativas*. 2006. Disponível em <<http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>> - Acesso em 18/09/2017 às 20:05

BASTOS, Sandra da Silva Santos. *Teoria e prática no ensino de Língua Portuguesa: os PCN e a realidade escolar*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/247_B.pdf> Acesso em 15/12/2017 às 13:14

BELTRAN, José Luís. *O ensino de Português: intenção ou realidade*. São Paulo: Moraes, 1989.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas – *As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes*. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326/10999>> Acesso em 18/09/2017 às 19:54.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. *Sala de Aula Invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem* – 1. ed. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BORGES, Nilda Lima. *O ensino da Língua Portuguesa nas escolas de Ensino Fundamental e Médio*. 2002. Disponível em <<http://www.avm.edu.br/monopdf/8/NILDA%20LIMA%20BORGES.pdf>> Acesso em 17/01/2018 às 01:27

BRASIL, *Parâmetros curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília, DF. 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 20/01/2018 às 15:40

_____. *Parâmetros curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília, DF. 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf> Acesso em 20/01/2018 às 15:25

CCL PROJECT. CCL Guide: learning story flipped classroom. Braga: Universidade do Minho, 2013. Disponível em <<http://creative.eun.org/>> Acesso em 02/08/2017 às 14:20.

MALFACINI, Ana Cristina dos Santos. *Breve histórico do ensino de Língua Portuguesa no Brasil: da Reforma Pombalina ao uso de materiais didáticos apostilados*. 2015. Disponível em <http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/28/Idioma28_a04.pdf> Acesso em 10/01/2018 às 15:07

MORAN, José – *Mudando a educação com metodologias ativas*. Disponível em <<http://rh.unis.edu.br/wp-content/uploads/sites/67/2016/06/Mudando-a-Educacao-com-Metodologias-Ativas.pdf>> Acesso em 18/09/2017 às 19:48

NÓVOA, António. *O passado e o presente dos professores*. In: NÓVOA, António (Org.). *Profissão Professor*. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1992.

SAMS, Aaron - *Aaron Sams, professor: 'Os estudantes têm aptidão para a mudança'*: entrevista. [setembro de 2016]. Site do Jornal O Globo. Entrevista concedida a Tatiana Furtado. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/aaron-sams-professor-os-estudantes-tem-aptidao-para-mudanca-20072219>> Acesso em 15/08/2017 às 19:45.

SCHMITZ, Elieser. – *Sala de aula invertida: uma abordagem para combinar metodologias ativas e engajar alunos no processo de ensino-aprendizagem*. Disponível em <http://coral.ufsm.br/ppgter/images/Elieser_Xisto_da_Silva_Schmitz_Disserta%C3%A7%C3%A3o_de_Mestrado.pdf> Acesso em 09/10/2017 às 23:08.

_____. *Sala de aula invertida: uma abordagem para combinar metodologias ativas e engajar alunos no processo de ensino-aprendizagem*. Disponível em <https://nte.ufsm.br/images/PDF_Capacitacao/2016/RECURSO_EDUCACIONAL/Ebook_FC.pdf> Acesso em 02/08/2017 às 14:10.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Fernando José de. *Visão analítica da informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor*. Revista Brasileira de Informática na Educação, Florianópolis, v. 1, 1997.

VALENTE, José Armando. *Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida*. Educar em Revista, Curitiba, n. 4, p. 79-97, 2014.

ⁱ Mestre em Linguística Aplicada, pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde participa do Núcleo de Pesquisas LingNet-Linguagem, Educação e Tecnologia. Possui graduação em Letras pela Universidade do Grande Rio, especialização em Língua Portuguesa pela Universidade do Grande Rio e em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é professora do curso de Letras, da Universidade do Grande Rio, onde também atua no Núcleo de Educação a Distância (NEaD).

ⁱⁱ Graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade do Grande Rio, Brasil(2018)
Instrutora de Língua Inglesa do Aliance Idiomas Ltda EPP , Brasil.